

Saúde do Trabalhador e a Construção Naval

Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

O setor de construção naval tem funções estratégicas para a economia de uma nação. No Rio de Janeiro esse setor teve seu nascedouro e ainda hoje representa parcela significativa das suas atividades com o maior número de estaleiros do país. O ano de 1979 foi marcante para a construção naval, quando o Brasil alcançou o segundo lugar mundial na produção de embarcações. Anos '80, o setor entra em uma grave crise, levando ao fechamento de estaleiros, causando desemprego em massa. Nos anos '90 assiste-se a uma lenta retomada da atividade naval, fase somente possível devido à luta dos trabalhadores através dos seus sindicatos que nunca desistiram de acreditar no potencial gerador de empregos do setor. Lembramos que no começo dos anos 2000 os estaleiros contavam com poucos operários trabalhando na manutenção e reparos. A retomada das atividades foi fruto de polpidos investimentos públicos com políticas direcionadas que possibilitou a abertura de novos estaleiros e a desconcentração regional do setor. Após mais de uma década de recuperação da produção naval, em 2014 o setor naval empregava, com mão de obra direta, mais de 82 mil trabalhadores em todo o Brasil, consolidando-se como o auge de sua empregabilidade.

Esse número ilustra apenas os empregos diretos, pois havia ainda um número maior de empregos gerados indiretamente, visto que cada emprego no estaleiro gera outros três na cadeia produtiva.

A previsão era de termos em breve mais de 100 mil postos de trabalho. No estado do Rio de Janeiro trabalhavam mais de 20 mil operários empregados diretos. Os operários dos estaleiros sempre foram os mais politizados e participativos na vida sindical. Estes estaleiros são reabertos numa completa desordem administrativa e econômica, maquinário inadequado, atraso tecnológico, plantas dos estaleiros antigas e inflexíveis, mobiliário sem projetos ergonômicos. O pensamento social dos administradores e donos dos estaleiros nunca estiveram voltados para o bem-estar dos operários e sim para o lucro fácil. Resultado disso são as longas jornadas de trabalho, os ambientes insalubres e um completo desrespeito às normas de segurança do trabalho.

O setor de saúde e segurança do trabalho se mantém voltado exclusivamente a atender a política da empresa e não à saúde dos trabalhadores. Inclusive, com tentativas das diretorias dos estaleiros de manipularem os resultados das eleições das Cipas ou demitindo os operários mais ativos. Mesmo neste ambiente inóspito, os trabalhadores não deixavam de lutar diante do alto índice de acidentes e doenças advindas destas práticas patronais. Imaginem todos o pandemônio que foi um setor que estava com suas atividades paralisadas e de uma hora para outra se vê funcionando a todo vapor. Os resultados não poderiam ser outros, senão dispararem os acidentes, as doenças e as mortes.

Acidentes do Trabalho associados à Construções de Embarcações e Estruturas Flutuantes. Brasil, 2006 a 2013.

NUMERO DE ACIDENTES REGISTRADOS				
ANO	TOTAL	TÍPICO	TRAJETO	DOENÇA
2006	924	642	40	242
2007	1.087	716	42	133
2008	1.476	1.160	50	18
2009	1.763	1.368	93	25
2010	1.883	1.527	91	24
2011	2.360	1.889	183	41
2012	2.278	1.739	154	95
2013	2.503	2.031	182	53

Fonte: Previdência Social

Na tabela anterior não aparecem as mortes. As mortes nunca se sabe, às vezes vêm antes, às vezes vêm na hora, às vezes vêm depois. Nos anos '80 e '90 graças à forte atuação dos três sindicatos dos metalúrgicos (Rio, Niterói, Angra) juntamente com o Programa/Conselho Estadual de Saúde do Trabalhador, a Fiocruz e outras instituições conseguimos a aprovação da lei estadual que banuiu o uso de areia no jateamento nos estaleiros do RJ. O uso da areia causava a silicose, doença mortal, mais conhecida como pulmão de pedra. Vários foram os companheiros vítimas desta moléstia e muitos foram ao óbito.

O efeito desta irresponsabilidade dura até os dias de hoje, pois muitos já estavam afetados. Embora seja um setor que movimenta bilhões de reais e tem especificidades, e inegavelmente de alto risco para se trabalhar, ainda não se tinha uma NR (Norma Regulamentadora) para os estaleiros que aplicavam nas suas atividades a NR da construção civil (NR 18).

O movimento sindical sempre questionou essa anomalia, cobrando a necessidade de se ter uma NR específica do setor.

Fruto deste debate e por conta do aumento da atividade produtiva e consequentemente dos acidentes, no ano de 2008 foi criado o grupo tripartite composto por trabalhadores, patrões e governo com a finalidade de elaborar uma NR da construção naval.

Foram 2 anos de profícuos debates que resultaram na aprovação da norma NR 34 e a sua vigência se dá a partir do ano de 2011.

Eu participei de todo o processo representando os metalúrgicos do RJ e continuo membro da comissão tripartite para o acompanhamento e a sua implementação. Nesses novos tempos para a segurança no setor, a norma não foi o remédio para todos os problemas, mas possibilitou elevar o patamar do debate.

Passado algum tempo, podemos dizer que houve avanços, mas ainda estamos longe do razoável em termos de melhorar as condições de trabalho. O que mais escandalizava era a naturalização das mortes por acidentes de trabalho ocorridas nos estaleiros. No ano de 2014 inicia-se nova crise no setor, e é a velha ladainha dos empresários que só querem lucro fácil e jogam nos ombros dos trabalhadores os ditos prejuízos, então começam as demissões, depois de um período de fartas ilusões. Hoje, dos mais de 82 mil trabalhadores no Brasil, sendo 22 mil só em nosso estado, restou apenas cerca de 15 mil trabalhando em todo Brasil.

No Rio de Janeiro praticamente todos os estaleiros estão com as portas fechadas. As consequências desta derrocada causada pela ganância empresarial e a leniência governamental são o desemprego de mais de 60 mil operários, a decepção, o desespero, as doenças e os traumas de fundo psicológico.

Companheiros morrem por doenças cardíacas, suicídios.

Ressalta-se que, com a conviência do poder público, os patrões demitiram e não pagaram as verbas rescisórias na maioria das demissões. Hoje estamos lutando pela volta das atividades nos estaleiros. Temos a certeza que o aprendizado adquirido por nós trabalhadores e militantes pela saúde do trabalhador nos encontros, nas palestras e debates na busca da melhora da qualidade de vida para os operários com o apoio de várias entidades - destacando-se o Fórum Intersindical - nos forneceu uma ferramenta útil na crença de que, havendo o retorno, ele se dará em bases mais humanas. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.